

AS IMAGENS E LEITOR EM GASTON BACHELARD: UMA ANÁLISE BASEADA NA INTRODUÇÃO D'A POÉTICA DO ESPAÇO¹

BARBOSA, Carlos Eduardo Silva¹.

Palavras-chave: Bachelard. Imaginário. Filosofia. Literatura

Na introdução ao *O Ar e os Sonhos*, Gaston Bachelard esclarece que imaginação é, antes que a faculdade de formar imagens, a faculdade de deformar imagens fornecidas pela percepção – “se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente (...) não há imaginação. Há percepção” (p. 1). Essa imaginação é essencial ao poema, uma vez que “o poema é essencialmente uma aspiração a imagens novas”, diz ainda n’*O Ar e os Sonhos* (p. 2). Um problema, entretanto, é a (ou reside na) imagem, que é a geradora dos conflitos da poética bachelardiana (TERNES, p. 36).

Na introdução a *A Poética do Espaço*, Bachelard começa sugerindo que, ao estudar a imaginação poética, o filósofo deve negligenciar a metodologia, hábitos e opiniões prévias: “É preciso estar presente, presente à imagem, no minuto da imagem” (p. 341). Posteriormente diz: “a filosofia da poesia deve reconhecer que o ato poético não tem passado” (p. 341). Bachelard, portanto, defende que a imagem é instantânea, tentar fixar a imagem em um suporte físico, por exemplo, é problemático. E ainda, que “a imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é dádiva de uma consciência ingênua”.

O foco de análise do autor, segundo suas próprias palavras, é a “ontologia direta”. Por dever ser inédita, a imagem poética tem um “dinamismo próprio”, não está submetida ao passado. A palavra é, ou tem em si, uma natureza que lhe é inerente. Recebemos a imagem poética, “mas nascemos para a impressão de que poderíamos criá-la (...) ela é a expressão criada do ser” (p. 346). Bachelard não está querendo estudar a origem da imagem, e sim o impacto da imagem no leitor, ou receptor.

Apoiado nessa ontologia direta, nesse “ser”, que é ou *está na* imagem poética, é que Bachelard afirma que na repercussão é que deve estar “as verdadeiras medidas do ser de uma imagem poética”. Parece ficar mais claro este ser da imagem, quando se nota que “o poeta não me confia o passado de sua imagem e entretanto sua imagem se enraíza, de imediato, em mim”. Desta forma, Bachelard nos esclarece, não exatamente onde, mas aponta o caminho de onde estaria esse ser, essa “alma”/“espírito” à parte do corpo da palavra (palavra escrita em um suporte físico, fala, etc.) – um dualismo, além das dualidades alma/espírito e repercussão/ressonância, ressaltadas por Ternes (p. 38). No final da introdução a *A Poética do Espaço*, Bachelard ressalta inclusive que é “impossível receber o lucro psíquico da poesia sem fazer cooperar duas funções do psiquismo humano: a função do real e a função do irreal” (p. 353) – na poesia, as condições reais não são determinantes, a imaginação instiga o “ser adormecido em seus automatismos” quando toma o lugar da função do irreal.

¹ Este resumo é derivado de um trabalho apresentado durante o curso *Filosofia e Literatura*, do Prof. Dr. José Ternes, no Mestrado em Filosofia da UFG (2006/2).

Para se chegar a esclarecer a imagem poética, é necessária uma análise do problema segundo um método que busque a volta da imagem em si, “a partida da imagem numa consciência individual” (p. 343), procurando encontrar a verdade da imagem, sua essência. Propõe, portanto, uma *fenomenologia da imaginação*: “esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade” (p. 342). Bachelard, portanto, parece sugerir um método para analisar *algo* (a imagem poética) que deve ser percebida na ausência de um método. Ressalta, entretanto, que o fenomenólogo “nada tem a ver com o crítico literário que (...) julga uma obra que não poderia fazer” (p. 347). O fenomenólogo analisa o que percebe, de um ponto de vista do poema e de suas “emanações”, e não do escritor. “Um pequeno impulso de admiração é necessário para receber o lucro fenomenológico de uma imagem poética. A menor reflexão crítica estanca esse impulso” (p. 348).

Bachelard aponta ainda um possível paradoxo deste seu posicionamento com o de obras anteriores, quando trata dos quatro elementos da matéria e a imagem, objetivamente, diante deles. E Bachelard concorda que de fato deve haver um paradoxo, uma vez que “pouco a pouco, esse método [objetivo da imagem ante os elementos], que tem a seu favor a prudência científica, pareceu-nos insuficiente para fundar uma metafísica da imaginação” (p. 342). A dinâmica, a fluidez, e parece que o próprio movimento da imagem², rejeitam a prudência, a padronização, a metodologia muito rígida da análise da imagem.

Essa grande transformação que um “bom poema” causa no leitor, apesar da fugacidade de uma simples imagem, gerada por palavras faladas ou letras em um papel, só pode ser explicada ou, pelo menos, estudada, pela fenomenologia: “essa transsubjetividade da imagem não podia ser compreendida em sua essência só pelos hábitos das referências objetivas. Só a fenomenologia (...) pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens” (p. 343). Essa subjetividade, entretanto, não pode ser determinada definitivamente, ela é “variacional”. A imagem não é, portanto, um objeto. Nem um substituto deste. A imagem tem uma “realidade específica”.

A imagem existe antes do pensamento, “seria necessário dizer que a poesia é, antes de ser uma fenomenologia do espírito [*Geist*], uma fenomenologia da alma [*Seele*]”. Diz Bachelard que “a palavra alma é uma palavra imortal (...) é uma palavra da emanação” (p. 343, 344), uma referência à alma relacionada à respiração, ao ar³. A alma “possui uma luz interior, aquela luz que uma ‘visão interior’ conhece e traduz no mundo das cores deslumbrantes, no mundo da luz do Sol” (p. 344). Citando Pierre-Jean Jouve, concorda Bachelard que “a poesia é uma alma inaugurando uma forma” (p. 345). A alma, portanto, é inauguradora, “vem inaugurar a forma, habita-la, deleitar-se com ela” (p. 345).

Em uma citação do próprio Bachelard:

C. G. Jung (...) [diz]: ‘Temos que descobrir uma construção e explica-la: seu andar superior foi construído do século XIX, o térreo data do século XVI e o exame mais minucioso da construção mostra que ela foi feita sobre uma torre do século II. No porão, descobriram fundações romanas e, debaixo do porão,

² *O Ar e os Sonhos*

³ *O Ar e os Sonhos*

acha-se uma caverna em cujo solo se descobrem ferramentas de sílex, na camada superior, e restos da fauna glaciária nas camadas mais profundas. Tal seria mais ou menos a estrutura de nossa alma” (p. 354).

Apensar de insuficiente para explicar a alma, dessa “descrição” de Jung, Bachelard toma a referência da casa como instrumento de análise da alma humana. Uma casa em que os mais escondidos cantos, o fundo de cada gaveta dos móveis, tem grande importância: nossas lembranças, nosso inconsciente, tudo isso está na alma, “nossa alma é uma morada”, diz Bachelard (p. 355). Essa casa, essa alma, tem em nós um estoque de imagens e lembranças. “E quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘apostos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos”.

Ao distinguir espírito e alma, separa-se “o que diz respeito ao mundo objetivo (do espírito) daquilo que configura o mundo da poesia e da arte, mundo feito de alma”. A imagem é “animada”, “expressão da alma” (Ternes, p. 38).

Ana Christina Vieira diz que, em Bachelard, “alma é feminina, *anima*, noturna e enigmática, o solo mesmo do devaneio. O espírito é masculino, *animus*, diurno e solar, o terreno propício à sementeira de experiências racionais”. Dividindo a obra de Bachelard em diurna (voltado para a epistemologia) e noturna (das criações artísticas) “demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma” (*A Poética do Espaço apud JAPIASSÚ*, 1976, p.47). A alma se relaciona ao devaneio, e o espírito, à execução. Nesse sentido, pode-se dizer que para Bachelard, a poesia é, até certo ponto, enigmática, noturna. No seu “ser” está o devaneio, as potências da imaginação:

[é preciso compreender] que [em Bachelard] a imaginação não é simplesmente reprodutora das impressões da percepção, (...) porque ela se define como uma potência a gerar novas imagens. Nessa qualidade, essa é uma potência de visão, uma potência visionária, que faz ver o invisível (...). É justamente a essa potência que Bachelard denomina poesia: a visão originária, visão que precede a experiência e o conhecimento, as imagens e as narrativas; e é nessa qualidade que Bachelard chama a psicanálise de exploração que visa exumá-la (a poesia) (BENMASOUR, 2005).

As imagens poéticas evoluem no receptor: do devaneio, até a sua execução. O devaneio é “uma instância psíquica que freqüentemente se confunde com o sonho. Mas quando se trata de um devaneio poético (...) sabe-se que não se está mais diante das sonolências”. No devaneio poético, “a alma está de guarda” (p.345).

Além dessa quase nebulosa distinção entre alma e espírito, Bachelard nota, na evolução da imagem poética, a importância de se distinguir a ressonância da repercussão: “na ressonância, nós ouvimos o poema, na repercussão nós o falamos, pois é nosso”. Ternes (p. 38), completa: “a repercussão se dá nas profundezas da alma. As ressonâncias, na exuberância do espírito” (p. 38). Pela repercussão, “sentimos um poder poético erguer-se ingenuamente em nós” (p. 345). Bachelard parece, nessa discussão, entrar no problema do receptor, ou, no caso, leitor, ideal. Na ressonância, nós receberíamos a imagem, que é dinâmica, mas inicialmente existe por sua própria conta, ou por conta do poeta. Em seguida, a ressonância parece evoluir para um estado de confluência entre si e o leitor, ou receptor. Ao se encontrarem, esses elementos da imagem poética e a do leitor da poesia, a “emanação”, a

percepção imediata daquela imagem pertence ao mundo mental do receptor e só a ele. O leitor ideal, para Bachelard, portanto, parece não existir, na medida em que, como ele afirma na introdução a *A Poética do Espaço*, a imagem é (necessariamente) instantânea. O poeta dá à sua poesia, uma imagem que não será percebida exatamente da mesma forma por todos os leitores. E nem por isso se pode dizer que houve uma leitura errada. “A imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa” (p. 345), ou mais adiante, “virtudes fenomenológicas da leitura (...) fazem do leitor um poeta ao nível da imagem lida” (p. 347).

Bachelard condena, inclusive, o método psicológico, e psicanalítico em especial, que coloca a imagem poética sempre em um determinado contexto, como que traduzindo uma linguagem (a da imagem poética), em outra linguagem (a verbal) – método esse que, para Bachelard, não passa de mera convenção, algo socialmente determinado: a tradição, e não uma posição fenomenológica, determina a tradução de uma forma de linguagem para outra: “*traduttore, traditore*” (tradutor, traidor). Para Bachelard, nada prepara uma imagem poética: nem a cultura (literária ou sociologicamente), nem a percepção (psicologicamente).

Para tentar delimitar a “situação fenomenológica”, Bachelard vê a necessidade de “isolar (...) uma esfera de *sublimação*⁴ pura, (...) que é desprovida da carga das paixões. (...) Dando (...) à imagem poética de estímulo um absoluto de sublimação, jogamos uma grande cartada no que é um simples colorido” (p. 349). Bachelard encontra provas dessa sublimação absoluta na poesia, e quando o psicanalista a percebe, vê não mais que um simples jogo efêmero, com imagens sem significação, mas Bachelard contesta, afirmando que eles negligenciam a *significação poética* da sublimação. Enquanto para o psicanalista a sublimação não passa de uma fuga, de uma compensação (p. 350), a sublimação na poesia, para Bachelard, trata-se do viver o inesperado, da imagem que inaugura algo completamente novo. O psicanalista incorre no problema de “explicar a flor pelo estrume” (p. 350), ou seja, a bela e inespecífica criação (a poesia), pelo defeituoso criador (o poeta), sem reconhecer a individualidade de um com relação ao outro.

Para o fenomenólogo Bachelard, a palavra se basta, “não há nenhuma necessidade de ter vivido os sofrimentos do poeta para compreender o reconforto da palavra oferecida pelo poeta” (p. 351). A palavra poética não sublima, ela é sublimação pura (Ternes, p. 39).

Por fim, entretanto, Bachelard, citando Pierre-Jean Jouve, admite que somente a boa poesia é, “absoluta criação” (p. 351), e esta é rara. “Na maioria das vezes a poesia está mais misturada às paixões, mais psicologizada” (p. 351). Essa poesia mista, de qualidade ruim, não gera sublimação absoluta no leitor, e sem a região da sublimação absoluta, “por mais restrita e elevada que seja, (...) não se pode revelar a polaridade exata da poesia” (p. 351). Mas Bachelard ainda acrescenta que o ponto em que se atinge a sublimação absoluta, não é o mesmo para todas as pessoas, para todas as “almas” (p. 351).

⁴ Em *O Ar e os Sonhos*, Bachelard distingue ainda a sublimação discursiva e a sublimação dialética. Aquela à “procura de um além” e esta, “à procura de um ao lado”. Isso, baseado em seu conceito de que, apesar de infinitas, as viagens imaginárias “têm itinerários muito mais regulares do que se poderia pensar” (p. 7). Na pág. 11, diz: “viagem para cima [como faz o ar, é] (...) sublimação discursiva”. No contexto do movimento e do ar na pg. 9: “o psiquismo aéreo nos permitirá realizar as etapas da sublimação”.

A poesia, assim como todas as artes, é uma “reduplicação da vida” (p. 352), um meio de se sair de uma vida medíocre e entrar em um mundo excitante à consciência: a imagem não é um substituto da realidade, mas uma outra realidade (p. 352). A imagem poética não é uma “simples metáfora”. A imagem é um produto direto da imaginação.

Um grande verso pode modificar a estrutura de uma língua, fazendo aspectos esquecidos dessa língua reaparecer. A palavra é, portanto, imprevisível. “A poesia aparece, então, como um fenômeno da liberdade” (p. 348).

Considerando que para Bachelard o leitor possui papel importante na recepção da poesia, poderia-se questionar se não ocorreriam eventos em que a “sublimação total” ocorre para determinados leitores, e não para outros. Isso distinguiria, talvez, o gosto de cada um pela poesia – se a “mínima admiração” é necessária à análise fenomenológica, talvez possa ocorrer de um leitor não me encantar pela leitura de um determinado poeta, mas outro receptor, sim. Entretanto, Bachelard entende que um leitor também se forma: assim como dificilmente um filósofo de idéias consistentes “aprendeu a filosofar” sozinho, um bom leitor deve ter aprendido a “ler”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril, 1974. Coleção Os Pensadores.

_____. **O Ar e os Sonhos**. Trad. Por Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENMASOUR, Maryan. **O inconsciente se lê e se escreve como um poema: condições poéticas do inconsciente psíquico**. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 10, n. 3, 2005.

JAPIASSÚ, Hilton Ferreira. Bachelard e a construção do objeto científico. *In: Gaston Bachelard*. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Gaston_Bachelard>. Acesso a 09 set. 2006.

TERNES, José. **Bachelard e a Psicanálise**. [S.l.][S.d]. p. 31-43.

VIEIRA, Ana Christina. **Por uma Filosofia Relacional**. Disponível em <<http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/convidado19.htm>> Acesso a 09 set. 2006. Caderno de Literatura e Filosofia.

AGRADECIMENTOS: ao prof. Dr. José Ternes e aos alunos da disciplina Filosofia e Literatura (Mestrado em Filosofia/UFG), aos quais apresentei este trabalho, pelas importantes críticas.

¹ Universidade Federal de Goiás, departamento de Filosofia. E-mail: filosofarma@hotmail.com